

A VOZ DO POVO

ORGÃO DE IDÉAS REPUBLICANAS

REDACÇÃO DE DIVERSOS

Propriedade de uma associação

ANNO I

SANTA CATHARINA, DESTERRO — DOMINGO, 14 DE JUNHO DE 1885

NUMERO

EXPEDIENTE

Por emquanto publica-se este jornal aos domingos.

—o—

ASSIGNATURAS:

CAPITAL

Semestre.....4\$000

PELO CORREIO

Semestre.....5\$000

NUMERO AVULSO 100 réis

Pagamento adiantado

—o—

Os autographos que nos forem enviados não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

—o—

Publicam-se annuncios por preços rasoaveis.

—o—

Qualquer publicação, não sendo contraria ás idéas des-

te jornal, serão feitas por preços muito favoreis.

—o—

E' impresso este jornal no Gabinete Typographico à rua do Principe n. 63, onde se darão quaesquer informações.

A VOZ DO POVO

Desterro, 14 de Junho de 1885

E. F. D. PEDRO I

No primeiro numero de nossa folha occupamo-nos muito seriamente da questão da rescisão, que a cada momento se espera, do contracto da *Pedro I*, proposta pelo governo á companhia ingleza; e o effeito que produziu o nosso artigo no espirito publico foi o mesmo que produziria uma bomba de dynamite atirada ao contro da

nossa capital pelo inimigo que, inopinada e traiçoeiramente, se introduzisse nas aguas do nosso magnifico porto.

Aqui, uns, descerentes de que a nossa provincia venha a o engrandecimento que precisa, clamando contra os nossos estadistas a quem é indifferente o nosso atrazo agricola, commercial e industrial; ali, outros, agrupados em differentes pontos, protestando contra o governo que praticar esse acto escandaloso que ataca os cofres publicos com o desperdicio de uma somma enormissima e que importará um attentado á dignidade da provincia de S. Catharina; além alguns mais, affirmando que a nossa provincia só terá o progresso que precisa, pelas vantagens da sua posição geogra-

phica e uberdade de suas ras, se o Rotschild,—e grande banqueiro que na glatterra faz avultados prestimos,—fornecer-nos parte, grande parte de collossal riqueza, para pregar-mol-a nos melho-mentos que carecemos, e a intervenção do governo outros ha ainda, por toda parte, que dizem franca e positivamente que só lhes resta a esperança de chegar a dia em que um fóco de illumine o caminho que ve dar passagem ao progresso, que nos ha de visitar o governo tiver que entregar esta provincia á Inglaterra em pagamento da divida terna do Imperio; e outros finalmente, dos representantes das classes, que durante vinte e tantos annos tudo tem envidado, sacrificando

FOLHETIM

ALFREDO DE SARMENTO

A' SÉSTA

(CONTOS)

AS MÃS LINGUAS

I

Em breve o aprendiz fez prodigios da applicação, e tão obdiente e reconhecido se mostrou sempre, que Raymundo tomou grande amizade ao pequeno operario, a ponto de o obrigar a ir jantar todos os domingos na sua companhia.

Entre Maria e Jeronymo existia, pois, uma verdadeira amizade: Maria suspirava ansiosa pelo dia de domingo que a devia

3 reunir ao companheiro dos seus brinquedos: Jeronymo, logo ao romper o dia tão desejado, corria pressuroso a encontrar-se com a sua querida menina.

Passaram annos; o aprendiz tornou-se official, e a creança gentil fez-se mulher. O affecto que consagravam um ao outro transformou-se insensivelmente em sentimento mais intenso e vehemente: amaram-se, sem que o dissessem nunca, e esse amor nascido em ambos instinctivamente, tornou-se n'ella uma ventura suprema, n'elle um calculo, uma aderação.

Raymundo, com essa penetração subtil que Deus concede aos paes, seguiu, passo a passo, os progressos d'aquella affeição reciproca, e ao intimo d'alma exultou por ver a probabilidade de assegurar a felicidade de Maria e o descaço de seus velhos dias. Podia elle duvidar, por ventura, do caracter honesto de Jeronymo que creara de pequeno? Não era este um operario laborioso, comedido, digno a todos os respeito de fazer parte de sua familia? E depois, a certeza de que se não apartaria da filha, que viveriam reunidos e viriam o netos alegrar-lhe a velhice, este quadro

feiticeiro seduzia e enchia de jubilo o bom do operario.

Um domingo de tarde, Raymundo chamou o official que no vão de uma janella conversava com Maria, disse-lhe:

—Ainda cá, meu rapaz, preciso fallar contigo.

Jeronymo seguiu o mestre á casa do jantar, e travou-se entre ambos o dialogo seguinte:

—Ora olha bem para mim, e diz: tu gostas da Maria?

O rapaz fez-se vermelho como um pimentão e não respondeu.

—Não te faças vermelho, homem, nem julgues que te quero mal por isso. A rapariga é bonita, e a outro qualquer succederia o mesmo.

Jeronymo contiou com os olhos pregados no chão, sem atrever-se a fazer o mais pequeno movimento.

O mestre proseguiu:

—Eu tambem fui rapaz, e a primeira vez que vi a minha Joanna, Deus lhe falte a alma, perdi logo a cabeça. Ora vamos,

—objecto da... com... responde-me a preceito: Tu gostas da tua filha?

—Saiba o sr. mestre que eu... sim... responder...

—Osa vejam o toleirão; parece que engaçado! Vamos, saiba tu o que?

—E' talvez um grande atrevimento, minha parte... um pobre operario como eu...

—O' Jeronymo, então que é isso? Vergonhas-te de pertencer a classe que trabalham?

—Perdão, mestre Raymundo, estou atrapalhado que não sei o que digo.

—Isso vejo eu, replicou o velho operario sorrindo com malicia, e para te de embaraços, vou eu fallar por ti. O que depois me dirás se fallei bem. Tu se melhor que ninguém, que fui para ti o segundo paiz! Cuidei de ti enquanto tu pequeno, e ensinei-te o officio, tudo por te tua pobre mãe, coitada, que se quasi a morrer de fome, porque teu operario como eu, nada lhe deixou por parte. Nos dias de trabalho, iam com para o arsenal, e aos domingos iam jantar a minha casa, tal qual como se os meus filhos. E' isso verdade, de

os proprios interesses em
pl da construcção da Pe
o I, vivem ainda esperan
s de ver muito breve
alisado esse seu *deside*
tum.
Todos esses commentari
todas essas opiniões, to
esses sustos, todos esses
sanimos são occasionados
lo procedimento do gover
que julga fazer economia
seindindo um contracto
e assignou, cujo cumpri
nto devia respeitar para
rantir o credito do Paiz e
tar esta provincia com es
melhoramento que ella
nto carece.
No meio d'esso labyrintho
commentarios e de opi
ões, ha individuos, poucos
verdade,—d'esses da taca
a politica monarchica, dos
e sentem,—que julgam
mais acertado callarem-se e
signarem se com o decre
da rescisão do contracto
essa estrada, do que faze
n como nós:—trabalhar
o interesse da provincia e
pondo-nos á realisacão de
os que o governo tente
nticar em prejuizo dos ha
res e da dignidade da pa
a.
Afóra estes, tolos os ou
os de que nos temos occu
lo e muitos mais, em es
gbeitos palpitam corações
infasejos, e em cujo cere
o pairam idéas progres
tas e civilisadoras, lamen
n o estado de abandono e
alimento a que vai ficar re
zida a nossa provincia,
seindindo-se esse contra
o; e todos elles, com o co
ção despedaçado, no auge
desespero, pensam no
donho e tenebroso futuro
e nos espera, mostrando
s um horisonte coberto de
pessas e negras nuvens
ameaçando assustadora tem
sta le.

ção da construcção dessa es
trada e a proposta da resc
são do contracto do governo
com a companhia ingleza,
não foi mais do que uma co
media da escola realista, com
cuja representação o paiz
perde dez ou doze mil contos
para poderem os *artistas*
incumbidos do seu desempe
nho represental-a ao caracter
da epocha no theatro de suas
façanhas:—de casaca e luva
de pellica branca,—á Córte
Mas como, felizmente pa
ra todos nós, o povo ha de
aborrecer-se com a represen
tação dessa e de outras co
medias de genero identico,
repugnantes, dia virá em que
elle proprio, já cansado de
supportar essas repugnantes
representações, feche as por
tas dos theatros onde ellas
se exhibem, para evitar a sua
reprise e a entrada dos a
ctores que se tem incumbido
do seu intolerav. l desempe
nho, abrindo-as immediata
mente para dar entrada a ou
tros que desempenhem os
papeis de que se incumbirem
com mais senso, mais ver
dade, mais lisura e mais cri
terio !..

A NOSSA IDÉA

A França, essa heroica nação de
bravos, de talentos possantes e re
volucionarios, desde a sua revolu
ção de 89, encheu de luz a huma
nidade !
A força de idéas largas, profun
das e grandes como o infinito; de
crancos onde erupcionavam lavas
vulcanicas de vibrantes pensamen
tos, abateu-se a monarchia porque
o povo jamais podia supportar o pe
so de seu barbarismo.
Combateu-se muito, lutou-se her
culeamente com armas e...mais
com a penna, ponta d'aço que rasga
horisontes trevosos e os inunda de
luz, e a monarchia gemeu e cahio
desfeita ás rajadas do vento da civi
lisação d'esse povo e da idéa repu
blicana !..

Sim, nós tambem agora princi
piamos o nosso combate olympico;
seremos fortes contra os fortes, im
placaveis ante a tempestade das

os tufões, rebentão e zunem tormen
tosamente, mas passam logo, após
o espaço de alguns minutos.

Não tememos a politica de par
tidos monarchicos, viciada pela cor
rupção, pelo egoismo das posições,
esses cancos que atacam o paiz,
devastando, abatendo tudo e mo
lestando a humanidade brasileira á
força de impostos que affluídos ser
vem só para sustentaculo dos figu
rões que apoiam e rodeiam a monar
chia, embora angust e aquella, ex
torcendo-se como um cl. venenado
nas ancias da morte; emquanto que
o rei sorri, compartilhando prazen
teiramente com elles o resultado
dos estragos que se multiplicam.

Oh ! Não ! D'ora ávante não o
farão com tanta facilidade, com tan
to affoitamento; porque nós, com a
nossa vontade tytanica, sã como a
virtude, com a nossa fiscalisação,
com as nossas idéas, em garantia
dos direitos do povo, trabalhando
unicamente pela causa santa do
progresso e da civilisação, obstare
mos a continuacão d'essa pratica,
d'essa devastação.

Estaremos sempre á frente d'essa
politica tacaña, como denodados
guerreiros que combatem pelo pro
gresso da patria e pelos interesses
do povo, e jamais poderão impedir
nossos passos gigantes na senda
a que demos a primeira avançada,
porque a nossa divisa é o respeito á
lei á autonomia d'esse mesmo povo.

Nós, o povo, que soffremos, que
não nos é mais possível supportar
tanta oppressão, que somos retira
dos d'esses partidos, estrangula
dores da lei e do direito, não nos
podemos callar a tanta anarchia,
ante uma monarchia pavorosa que
se diverte connosco como se fás
semos estatuas de carne, d'essas que
se curvam aos pés do monarcha !

Jamais o faremos, jamais desce
rem s a essas baixezas ridiculas ao
homem; o nosso braço não cançará,
seremos, entusiasticamente cheios
de patriotismo, de amor á patria,
baluarte á força, e em tempo algum
retrocederemos do nosso intento,
aliás grandioso, porque a nossa
idéa caminha, caminha sempre,
progressivamente, como idéa de
futuro e de não longiquos resulta
dos, tendo os applausos dos homens
do progresso, d'aquelles que são
nossos e que só pensam no estado
to paiz, para o qual olham com
tanto pezar como se olhassem para

elle gemesse agonisante, quasi a
exhalar o ultimo suspiro.

Quem ha por ah!, pelo mundo
brasileiro, que não lastime a direc
ção e a marcha actual do paiz que,
dia a dia mais mais periga á beira
do abysmo, que lhe abre negra a
larga garganta esperando a sua
precipitação, movida pela metade
dos homens que o governam ?..

Todos, dos que pensam como
nós, lastimam esse estado a que o
reduziram; e só a nossa idéa pode
rá evitar-lhe esse perigo, levantando
da sua morbidez e collocando a
par das nações mais civilisadas e
cultas, cujo governo seja a—repu
blica !

Taxem-nos embora de *p'anta exo
tica*... Que nos importa, se ella me
drou na França, plantada no Brasil
acclimatar-se-ha, sem duvida algu
ma, porque o seu terreno é fertil,
uberrimo e á força de nosso cuida
do, crescerá e dará os mais precio
sos e almejados fructos, como as
experiencias e o tempo nos tem pro
vado.

Queremos um governo que não
prejudique o caminhar do paiz, o
seu progresso e desenvolvimento,
tanto industrial como social; que
não escravise nem sobrecarregue o
povo com impostos barbaros; que
abata essas distincções de espiri
tos ambiciosos que riem-se das nos
sas misérias, desses homens que
entorpecem a marcha evolutiva da
nação; e esse governo só pode ser—
o republicano

Convictos, pois, de que a nossa
idéa republicana, que é a do povo,
que é universal, ha de prevalecer
um dia para salvar o paiz do naufr
gio a que o governo monarchico
o sujeitou, não descançaremos um
só instante, até que seja chegado o
momento da victoria, até que che
guemos ao fim desejado, evitando
nos uma catastrophe de que nos
sentimos ameaçados.

Sejamos, d'ora avante rochedos
onde se quebrem as ondas das am
bições partidarias, onde se despe
darem as vellas da velha nau—a
monarchia—ás lufadas do vento da
civilisação !

Mais alguns passos agigantados
e teremos a luz do—futuro.

Eis a nossa idéa !

Cicero era a palavra da re
publica Romana, Cicero, em
pé, com a fronte erguida,
defendendo os direitos

seus concidadãos, mau grado a intriga, o poder e todos os embustes, encarnava solemnemente a bella magestade da mais perfeita das instituições humanas, cujo elogio é proclamado pelo seu proprio nome.

Republica quer dizer a causa do povo e...só pelo povo; quer dizer a morte eterna de todos os poderes tyrannicos, o estremecimento justo dessa grande desigualdade de haveres, só permitida nas instituições viciadas; e quer dizer tambem a liberdade perfeita, a boa divisão do trabalho, o progresso da industria e de todos os meios possiveis de engrandecimento nacional.

Só quem não lê a historia, quem não se compenetra dos grandes interesses populares, pôde, á maneira dos sophistas, lançar o ridiculo no mais sagrado dos direitos humanos, e consequentemente na mais perfeita das instituições, cuja origem é devida incontestavelmente ao grande amor da liberdade, sempre permittida, mas tambem sempre ultrajada!

Povos da America, filhos de Leth e filhos de Caim, quando o nosso nome fulgirá com a luz da mesma estrella?

Nos dias de amargura, quando o povo soffre. nesses dias crueis, em que a mais pezada mão do poder pessoal exerce uma tyrannia, quando tudo è deserto e só se ouve o pranto com resultado de uma grande magoa, se o poder é dos Cezares, tudo está perdido; se de Washington tudo está salvo.

TRANSCRIPÇÃO

CATECHISMO

Republicano

POR

ALBERTO SALLES

AO LEITOR

A vulgarisação das doutrinas

democraticas foi sempre para mim, uma das mais urgentes necessidades, como um trabalho preliminar indispensavel para o advento definitivo do governo republicano, neste paiz.

Nunca pude acreditar que, sem este preparo essencial e necessario, se pudesse operar no espirito publico uma transformação tão profunda que a permanencia e estabilidade de semelhante regimen governamental ficassem perfeitamente garantidas.

Ao contrario, sempre me pareceu que a grande obra da reforma, para produzir os seus verdadeiros effeitos, devia começar pela eliminação completa dos innumeros preconceitos, que até o presente ainda actuam energicamente sobre o intellecto nacional, para só depois, por um impulso proprio e espontaneo, tomar a nação uma nova orientação politica, já então determinada pela educação e fortalecida ainda mais pela energia do habito.

Foi exactamente com esse unico intuito que me abalancei ainda ha pouco, apesar de minha propria incompetencia, a reunir e enfeixar em um só corpo de doutrina todos os principios da escola democratica, taes ao menos como vão sendo ensinados pelos mais notaveis publicistas dos tempos modernos.

Foi esse o unico pensamento que presidio á publicação da *Politica Republicana*. A maneira, porém, porque alli procurei effectuar uma tal condensação, evidentemente não foi a mais propria para um paiz como este, em que o espirito publico, ao mesmo tempo que requer uma alimentação solida e substancial, exige antes de tudo que seja de mui facil-assimilação.

Uma tal operação se torna sobretudo necessaria na situação especial em que nos achamos presentemente, em que a *versatilidade* se tem

tornado um dos mais gloriosos apanagios dos nossos homens publicos.

Ainda mais: eu acredito piamente que um partido só é forte, quando a sua disciplina, em vez de se fuudar na cohesão material dos individuos, basea-se tão sómente no perfeito accordo das vontades, pela adhesão espontanea das consciencias a um certo numero de idéas ou a uma certa somma de doutrinas, que se encarnam e se consubstanciam em sua bandeira de cambate.

Fóra d'aqui não ha e nem pode haver verdadeiros partidos politicos; com intuitos determinados e acção benéfica sobre o desenvolvimento das sociedades. Para chegar-se a esse resultado, porém, é preciso fazer-se pelo menos uma tentativa de systematisação politica. Tal é o fim da presente publicação.

Tenho para mim que a unica cousa verdadeiramente essencial de que necessita este paiz, e isso com a maior urgencia possivel, é uma revivescencia politica completa, radical e geral. Possa ao menos o meu insignificante esforço preparar-lhe o terreno e terei com isso prestado um grande serviço a minha patria.

ALBERTO SALLES
São Paulo—1885.

LICÇÃO I

NOÇÃO E OBJECTO DA POLITICA

O que é a politica?

E' uma sciencia de alta importancia social, tanto pela natureza das questões de que se occupa, como pela constante applicação de que é susceptivel.

Como se divide?

Em duas partes: uma theorica e out a pratica. A primeira estuda as leis geraes que presidem a organização do Estado ou que regulam a marcha natural e successiva dos acontecimentos poli-

cos; a segunda, ao contra occupa-se tão sómente com a applicação justa e oppo- na dessas mesmas leis governo das sociedades primeira tambem se deno- na politica abstracta e a gunda, politica concreta.

Em que se funda a divisão?

Na propria natureza das cousas. A sociedade, como todos o sabem, não é mais que *um grande corpo*, tado de vida como o proprio individuo e como elle tambem susceptivel de todos phenomenos de crescimento de estrutura e de funcção. Ella passa por uma serie de modificações constantes successivas, que se fazem não arbitrariamente, certamente, mas em virtude de leis certas, fixas e invariaveis. E' justamente o estudo dessas leis que constitue objecto proprio da politica abstracta. Além disso, a sociedade soffre egualmente em seu desenvolvimento normal, certas perturbações que podem muito bem ser consideradas como outras tantas enfermidades, que dicam um desequilibrio que quer no funcionamento regular do organismo. O modo de restabelecer esse equilibrio constitue precisamente o objecto da politica concreta.

Qual é, pois, a differença entre as duas partes da politica?

A politica abstracta funciona inteiramente na historia. E' por ella que se verifica que as sociedades em vez de serem estacionarias, ao contrario, progridem constantemente, não só em relação ao seu commercio e a sua industria, como tambem nas artes, na sciencia, na religião e no governo. Ainda mais: além dessas *tendencias progressivas*, obdecem egualmente as sociedades a certas *condições de equilibrio* indispensaveis para a sua

manencia e sem as quaes
ria inevitavel o seu espha-
lamento. E' em virtude
ssas duas forças, umas de
novação e outras de con-
rvação, que as sociedades
escem e desenvolvem-se,
ectando sempre uma fór-
a exterior qualquer, que
consubstancia nesse gran-
organismo que se chama
tado. A politica abstracta
luda exactamente essas
as grandes forças sociaes
o modo porque se acham
as equilibradas ou harmo-
sadas no Estado; a politica
ncreta, ao contrario, tem
r fim a applicação dessas
esmas leis a certos e de-
rminados agrupamen-
ciaes, conforme as sua-
ndições e necessidades
articulares, em um momen-
tado de sua evolução.

O que é, então, a poli-
ca?

E' uma sciencia social que,
lo estudo das leis geraes
evolução espontanea do
tado, procura, n'uma justa
ordenação das forças de
nservação com as de pro-
esso, determinar a sua fór-
o exterior que mais favore-
o desenvolvimento inte-
al do organismo social. A
olitica é, pois, em ultima
alyse, uma sciencia espe-
al, deduzida directamente
a parte estatica da sciencia
cial.

(Continúa)

NOTICIARIO

O illustrado bacharel T. A.
Chaves, que entre nós ha
l e dignamente exerce a
vocacia, obsequiou-nos
um volume, de sua orga-
sacção, com o titulo *Apon-*
gnentos Orphanolâgi-
as.

A curiosidade moveu-nos
passar em revista esse tra-
lho; e não perdemos o tem-
porque, analisando-o, a-
zar de sermos leigo em
ria juridica, n'le encon-

tramos muita utilidade, tanto
para orientação da magistra-
tura sómente theorica como
para guia dos que seguem a
mesma profissão do seu au-
tor, os quaes, ao deixarem a
Academia, tendo apenas con-
seguido instruir-se nas theo-
rias do curso de Direito,
ignoram muitas vezes, pela
falta de pratica, que em mui-
tas hypotheses é o melhor
mestre, as principaes dispo-
sições e existencia da nossa
legislação, orphanologica
principalmente.

Essas difficuldades acham-
e remediadas com os *Apon-*
tamentos Orphanologi-
cos do Bacharel T. Chaves,
a quem essas distinctas clas-
ses e o paiz devem muito pe-
a organização desse provei-
toso trabalho.

Agradecidos pelo mimo
com que nos honrou.

*

Quando ha poucos dias, na
Camara dos Deputados, o
ministro da fazenda manifes-
tou-se contra a construcção
da *E. F. Pedro I*, tendo di-
ante de si dois representa-
tes da nossa provincia, nen-
hum d'elles teve a precisa co-
ragem para protestar contra
essa opinião que fere os nos-
sos interesses e que, a nosso
ver, tem por fim atrazar-nos
e a todo o sul do Imperio,
para que no futuro a provin-
cia da Bahia e as suas co-ir-
mãs do norte, não vejam di-
minuido o desenvolvimento
que até lá possam ir adqui-
rindo!

Nem um áparte, ao menos,
proferiram os Srs. Mafra e
Schutel contra a opinião do
ministro que tão escandalo-
samente attenta contra os in-
teresses do desenvolvimento
da provincia de Santa Catha-
rina!..

E não devemos ser repu-
blicanos á vista do procedi-
mento do governo monar-
chico?!

placa
impeza das praias, das

ruas e das praças da nossa
capital está feita com tanto
aceio e capricho que não sa-
bemos a razão por que já não
fomos atacados d'uma epide-
mia!

Aquelles que pretenderem
passar pela rua do Menino
Deus, ao aproximarem-se
d'ella, proximo á praia, ou
hão de voltar para não terem
que sorver a horripilante
exhalação que vem das aguas
pútridas e miasmaticas, sta-
gnadas no paralyzado aterro
e anivelamento daquella
praia,—donde o Sr. Gamã
Rosa sonhou tirar uma coroa
de gloria que lhe cingisse a
fronte, aureolada pela inspi-
ração que teve de gastar os
cobres que podiam ser ap-
plicados a outro melhora-
mento de mais utilidade,—ou
a seguirem, hão de tapar a
bocca e as ventas pelos mes-
mos motivos e para evitar a
penetração d'algum mic-
bio pela garganta abaixo.

O que nos custa a acredi-
tar é que ainda nessa rua
possa haver moradores!

Já não faremos questão do
estado lastimavel em que se
achão os beccos e ruas dos
arrebaldes da cidade, que
até é vergonhoso occupar-
mo-nos da sua immundicia;
mas o que não pode escapar
á nossa penna,—á nossa
censura,—porque nos repu-
gna, é o estado em que se en-
contram as principaes ruas e
praças da cidade, cheias de
escremento de animaes de
varias especies, de lixo e de
aguas empoçadas de despe-
jos, exhalando mau cheiro
pela sua putrefacção, o que
nos pode trazer funestas e
lamentaveis consequencias.

Para estes casos tão gra-
ves, tão sérios, chamamos a
attenção do Sr. Presidente
da Camara Municipal, que os
pode remediar sem que se
nos torne preciso voltar a
occuparmo-nos delles.

São graves!..é quanto bas-

Ainda não ha muitos mezes
que, antes da nossa existen-
cia, o nosso redactor se oc-
cupou no «Jornal do Com-
mercio», onde algumas ve-
zes lhe foi concedida a hon-
ra de collaborar, da pessima
educação de muitos meninos
que, com liberdade dema-
siada, por ali praticam toda
a sorte de acções repugnantes.

Se as nossas admoestações
aproveitaram foi por pouco
tempo, porque a cada mo-
mento, presentemente, ve-
mos grande numero de rapa-
zes, agrupados por varios
pontos da cidade, a fazerem
cousas que não são proprias
da sua idade e a dizerem pa-
lavras que envergonham a
todo o mundo e fazem arri-
piar os cabellos, mormente
por partirem esses actos ver-
gonhosos de alguns filhos
de familias que fazem bri-
lhantes figura na nossa boa
Sociedade!

Entendemos que é do nos-
so dever apontar a seus pro-
genitores os actos reprova-
veis que elles praticam, no
intuito de fazel-os tom ar-
emenda, educando-os conve-
nientemente, para evitarem
vergonhas e desgostos que
no fucturo lhes podem cau-
sar-lhes graves consequen-
cias.

Emquanto é tempo é que
se remedeia o mal.

*

Tambem pedimos ao Exm.
Sr. Dr. Chefe de Policia al-
gumas providencias sobre o
assumpto os acontecimentos
que acabamos de narrar e
para acabar-se com a vaga-
bundagem de uma infinida-
de de individuos que durante
o dia fazem dos trapiches e
da praça do Barão da Laguna
ponto de residencia, sem
meios de vida honestos, ao
que parece, dando assim mo-
tivos para desconfiar-se da
sua probidade, se é que a
tem.

S. Ex. pode providenciar